

O SILÊNCIO DO CORPO EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE SILENCE OF THE BODY IN ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

Daniel Skrsypcsak^I

Cláudia Alexandra Fibras^{II}

^ICentro Universitário FAI (UNIFAI), Itapiranga, SC, Brasil. Mestre em Educação. E-mail: dskrsypcsak@hotmail.com

^{II}Centro Universitário FAI (UNIFAI), Itapiranga, SC, Brasil. Graduada em Pedagogia. E-mail: claudia.fibras@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados obtidos no decorrer da pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia, do Centro Universitário Fai – UCEFF de Itapiranga-SC. Pretendemos destacar aqui, a influência da metodologia utilizada pelo educador no ambiente educacional para que ocorra ou não o silêncio do corpo. Para a discussão dos dados foram utilizados referenciais teóricos de estudos de Gonçalves (1994), Santos (2013), Vasconcellos (2005), dentre outros estudiosos. Em meio aos aspectos observados durante a pesquisa, destaca-se a dificuldade que alguns educadores possuem em planejar e organizar uma metodologia diferenciada para a sala de aula, a fim de que desenvolva a corporeidade dos educandos trabalhando de maneira transdisciplinar com os conteúdos propostos na matriz curricular.

Palavras-chave: Silêncio do corpo. Corporeidade. Metodologia de ensino.

Abstract: This article has the objective to present some results obtained during the research carried out in the Graduation Work of the Pedagogy course, at the University Center Fai – UCEFF in Itapiranga-SC. It's intended to highlight here, the influence of the methodology used by the educator in the educational environment so that silence of body may happen or not. For data discussion were used theoretical references of studies from Gonçalves (1994), Santos (2013), Vasconcellos (2005), among other scholars. Among the aspects noticed during the research, it's highlighted the difficulty that some educators have in planning and organizing a different methodology for the classroom, in order to develop the students' corporeity, working in a transdisciplinary way with the contents proposed in the school program.

Keywords: Body silence. Corporeity. Teaching methodology.

<http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v21i1.3014>

Processo de avaliação: *Double Blind Review*

Submetido em: 13.03.2019

Aceito em: 03.04.2019



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

1 Introdução

A temática deste artigo surgiu a partir de uma pesquisa realizada como requisito para o Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI, UCEFF de Itapiranga – SC, que teve como objetivo perceber se há relação entre o ensino e o silêncio do corpo dos educandos em turmas do 1º ao e 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola localizada na cidade de Itapiranga-SC. Apresentaremos nesse trabalho alguns dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa, com o intuito de destacar a influência da metodologia utilizada pelo educador no ambiente educacional para que ocorra ou não o silêncio do corpo.

Discorrer sobre a relevância do corpo na educação é muito complexo, pois trata-se de compreender uma construção histórica criada por um sistema educacional tradicional. O corpo é a nossa presença concreta, que veicula gestos, expressões, comportamentos e emoções. Corpo bem desenvolvido e estimulado é sinônimo de aprendizagens mais significativas, corpos com melhor expressividades e pessoas mais felizes.

A metodologia utilizada para este trabalho se apoia numa breve revisão bibliográfica baseada em autores de referência no assunto. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa a partir dos referenciais utilizados e em relação aos aspectos observados. Também serão problematizados os aspectos relacionadas às metodologias utilizadas pelos docentes que participaram da pesquisa que contribuem ou não para que o silêncio do corpo se manifeste ou não de forma preponderante.

A pesquisa a campo teve como instrumentos de coleta dos dados a observação das turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, visando perceber as metodologias utilizadas pelos educadores titulares das referentes turmas e se há o silêncio do corpo dos educandos. As observações¹ consistiram em 8 horas em cada uma das turmas de 1º ao 5º ano, acompanhando os educandos em todas as aulas e espaços. Nas observações foi possível analisar se há uma preocupação com o corpo dos educandos e se o silêncio se faz presente durante as aulas e como o mesmo está associado a metodologia utilizada ensino bem como se existe um aumento nesse silêncio no passar dos anos de acordo com a progressão.

Outro instrumento utilizado foram as entrevistas² realizadas com os educadores titulares das respectivas turmas observadas. Durante as entrevistas foi analisado o que os educadores tinham de conhecimento sobre o assunto, se há formações a respeito da temática, quais as metodologias utilizadas pelos mesmos na sala de aula, entre outros aspectos.

No primeiro momento, serão abordados alguns aspectos da educação que influenciaram em algumas características marcantes do que temos como concepção de corpo. Em seguida, serão apresentados pontos problematizados na pesquisa que envolvem as metodologias utilizadas pelos educadores titulares das respectivas turmas que participaram da pesquisa.

1 Importante destacar que a pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da instituição, garantindo todos os preceitos éticos necessários conforme determinação.

2 Nesse artigo não discutiremos e nem apresentaremos os dados referentes às entrevistas realizadas.

Pela pesquisa ficou perceptível que muitos educadores ainda possuem uma visão de corpo disciplinado, onde as práticas encontradas na sala de aula, limitam muitas vezes os movimentos e até mesmo o diálogo por causa da disciplina. Esquece-se de que a escola é um espaço na qual deve priorizar e proporcionar momentos de liberdade de expressão, onde os educandos possam usar do seu corpo e movimentos para expor seus sentimentos e emoções, tornando-se assim pessoas mais autônomas e expressivas.

2 Relação entre corpo, metodologia e silêncio

2.1 Corpo e educação

Quando pensamos em corpo, podemos nos referir a um conjunto de sistemas orgânicos que nos consistem como seres vivos. Enquanto seres humanos, o mesmo é composto por cabeça, tronco, braços, pernas e demais membros. Contudo, corpo não é algo tão simples, nem muito menos, fácil de ser explicado e compreendido. Durante muitos séculos, o corpo perpassou por inúmeras concepções diferentes, muitas das vezes sendo desvalorizado e considerado como algo sem importância ou assumindo uma valorização exacerbada.

No decorrer da história, é possível perceber as inúmeras concepções criadas em torno do corpo, cada uma delas provenientes de uma contextualização diferente em que a sociedade vivenciou. Louro (2016, p. 14) afirma que “Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados”, ou seja, o contexto em que se está inserido e as experiências, ajudam na construção de cada corpo.

Com o início da revolução industrial e os avanços das tecnologias, o corpo humano passou a ser apenas uma máquina de trabalho, alvo do capitalismo. O ser humano parou de pensar na saúde e bem-estar e iniciou o poder pelo consumismo. Gonçalves (1994, p. 22) cita que “A força muscular do trabalhador, sua energia e sua resistência passaram a ser objetos da exploração capitalista; seu corpo passou a ser um corpo oprimido, manipulável, um instrumento para a expansão do capital”.

Neste momento, você deve estar se perguntando, mas e a educação? Como o corpo era visto e tratado no ambiente escolar? Sob influência do período industrial, na educação os corpos dos educandos eram vistos como robôs, disponíveis apenas para absorver todo o conteúdo repassado pelo professor. Nessa educação o professor era visto como o detentor de todo o conhecimento, os educandos estavam na sala de aula apenas para ouvi-lo e não o questionar, não tinham liberdade para expor suas opiniões e anseios. O bom educando, portanto, era aquele que permanecia sentado em sua fileira ouvindo atentamente tudo que o professor tinha a lhes dizer (CAVAZZANI; CUNHA, 2017).

Atualmente observa-se que houveram diversas mudanças no âmbito educacional, contudo, ainda existem alguns aspectos a serem revistos no que se refere a postura e metodologias do educador, principalmente quando dialogamos a respeito do corpo na

sala de aula. É perceptível que os educandos já não são mais os mesmos, são mais ativos, curiosos, inquietos e desafiadores. E a escola, não sabendo como lidar com esse emaranhado de identidades e processos de inquietante descoberta e interação continua muitas vezes reprimindo seus educandos ao silêncio.

No decorrer da pesquisa foi perceptível algumas marcas deixadas por uma educação tradicional, seja na forma de organização dos educandos para entrarem na sala de aula e até mesmo na organização das carteiras nas salas de aula. Visto como maneira de organização, a rigidez imposta a não liberdade do corpo é passada despercebida pelos educadores ano após ano.

Surdi (2001, p. 127) afirma que “o professor que nega a presença do corpo na escola, não só está desconsiderando a do aluno, mas a sua própria corporeidade”. Conforme Assman (2007, p. 29) “O ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividades. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça com mixagem de todos os sentidos”. O educador precisa organizar espaços que propiciem experiências para que as crianças enriqueçam suas habilidades, principalmente através do corpo. É preciso, conforme Vianna e Castilho (2002, p. 27-28)

[...] estar atento à percepção do corpo dos alunos, saber estimular sua presença, estimular o aprendizado através do corpo. Porque o corpo é capaz de aprender tanto quanto de criar. Usar o corpo dos jovens pode ser uma bela maneira de estimular-lhes a liberdade e a criatividade, porém mais ainda – pode ser uma ferramenta muito eficaz para a transmissão dos conteúdos. É o corpo que aprende.

Incentivar os educandos para que experimentem durante diferentes situações do que o seu corpo é capaz, deixar que explorem ambientes, corram, pulem, subam, dançam, saltem e caiam, tudo é aprendizado, permitir que os educandos errem e aprendam com os seus próprios erros. E ao errarem, que enquanto educador não puna de maneira severa, seja apenas um mediador, é preciso deixar que eles construam suas aprendizagens e compreendam que todo ato gera uma consequência.

Precisamos aprimorar a ideia de que somente se aprende quando o educando está em silêncio, que quando o educando está dialogando com os colegas ele não está aprendendo. Pelo contrário, toda e qualquer aprendizagem acontece através do corpo (GARCIA, 2002). É papel do educador planejar e organizar situações para que os educandos em suas especificidades construam sua identidade, sua autonomia e se desenvolvam de maneira integral.

O corpo é a peça principal para a comunicação das crianças. Os autores Paula e Silva Filho (2012, p. 185) enfatizam que,

É fato que as crianças falam tudo com o corpo. Histórias, explicações, dúvidas, perguntas (e mais perguntas). Tudo passa pelos seus corpos de uma maneira que quase não nos lembramos mais quando vamos tornando-nos adultos. Suas dores são dores no corpo; suas frustrações são frustrações no corpo, assim como suas alegrias tomam o corpo todo para “falar”.

Apesar disso, os adultos, principalmente os educadores, na maioria das vezes, tentam conter e disciplinar os corpos dos educandos para que permaneçam em silêncio no ambiente escolar, não permitindo que eles interajam. Esquece-se que é na escola que as crianças passam por muito tempo, interagindo, criando laços afetivos, trocando experiências e construindo conhecimento (MUNARIM; GIRARDELLO, 2012).

Entretanto, como aborda Barbosa e Borba (2011) este ponto que é muito discutido quando se questiona a respeito do silêncio na sala de aula, muitos educadores dizem que ao darem liberdade para que os educandos dialoguem, os mesmos extrapolam, e dar-se então, o nome para a chamada bagunça e indisciplina na sala de aula. O silêncio é bom em dados momentos, porém, não pode ser uma rotina, é preciso que o educador crie o hábito de dar voz e vez aos seus educandos, e deixe claro que durante momentos importantes de explicações de atividades é necessário que eles fiquem em silêncio para que compreendam a proposta. Lembrando que quando falamos silêncio do corpo não estamos nos referindo a ausência da linguagem oral.

2.2 O silêncio do corpo: questão disciplinar ou metodológica?

Nessa seção pretende-se discutir alguns aspectos relevantes diagnosticados na pesquisa que nos fazem refletir se se o silêncio do corpo quando é manifestado é por questão disciplinar ou encaminhamento metodológico do professor. Percebe-se que as crianças atualmente, têm cada vez mais necessidade em movimentar-se, dialogar e vivenciar.

O espaço da sala de aula deveria ser um lugar fantástico, onde os educandos pudessem inventar e reinventar situações, vivências e além de tudo, construir laços de afetividade. Entretanto, o que podemos perceber durante a pesquisa é que muitas vezes o espaço de sala de aula costuma ser o ambiente em que as crianças menos gostam de estar, justamente pelo fato de ela não atrair os educandos e não possuir um olhar para a corporeidade dos mesmos.

Analisando o contexto, percebe-se que alguns métodos já não cabem mais ao nosso atual sistema educacional, no qual as crianças têm cada vez mais acesso a informações, possuindo inúmeras dúvidas a respeito das mesmas e com seus corpos cada vez mais desinibidos e cheio de curiosidades, precisando ser trabalhados e ocupados continuamente.

Vasconcellos (2005, p. 14) afirma que

Em outros tempos, este tipo de ensino até que era suportado; hoje, com as crescentes transformações do mundo contemporâneo, há um questionamento profundo e uma rejeição por parte das novas gerações. O mundo mudou! A escola tem que mudar!

Percebe-se que as crianças atualmente, têm cada vez mais necessidade em movimentar-se, dialogar e vivenciar práticas que façam parte do seu contexto e da sua realidade. Contudo, muitas vezes os educadores não percebem que o tempo que os educandos passam dentro da sala de aula, sem que haja espaço propício para se tornarem autônomos e expressivos, não é sinônimo de mais aprendizagens. É necessário que o educador possibilite métodos que

envolvam os educandos e tornem a aprendizagem mais atraente para os mesmos, deixando seus corpos livres para se expressarem e movimentar-se.

Novas metodologias, novas propostas e diferentes formas de ensino aprendizagem, na teoria e na prática, vem sendo discutidas e minuciosamente analisadas no âmbito educacional. O cenário educacional atual é preocupante, pois percebe-se que ainda persistem muitos resquícios de uma educação tradicional em um ambiente renovado, e requer a busca imediata por respostas. Mantoan (2013, p. 63) afirma que “A sala de aula é o termômetro pelo qual se mede o grau de febre das crises educacionais e é nesse micro espaço que as mudanças do ensino verdadeiramente se efetivam ou fracassam”.

O simples fato da organização da sala de aula, disposição de materiais e a reorganização das carteiras, já permite que os educandos tenham maior contato com os colegas e educador. Se esse rearranjo do espaço for acompanhado por metodologias que envolvam os educandos, para que os mesmos possam dialogar, expressarem seus movimentos e emoções, realizarem experiências e pesquisas, mais significativos podem ser as aprendizagens por intermédio da exploração da linguagem corporal.

A metodologia utilizada por grande parte das educadoras observadas durante a pesquisa, é uma metodologia mais expositiva, onde o educando apenas ouve o que o seu educador tem a lhe ensinar. De acordo com Vasconcellos (2005, p. 23)

Na metodologia expositiva o aluno recebe tudo pronto, não problematiza, não é solicitado a fazer relação com aquilo que já conhece ou a questionar a lógica interna do que está recebendo e, acaba se acomodando. A prática tradicional é caracterizada pelo ensino “blá-blá-blante”, salivante, sem sentido para o educando, meramente transmissora, passiva, acrítica, desvinculada da realidade, descontextualizada.

Desta forma o educando não aprende a opinar e ser um ser crítico, pois é mero receptor de informações. Apesar de algumas educadoras entenderem que os educandos articulam atividades relacionadas ao corpo e movimento em disciplinas específicas do ensino integral, isso não soluciona os problemas. Os educandos apenas visualizam esses momentos como espaços para brincarem, é importante que os educadores saibam envolver de forma interdisciplinar os conteúdos com atividades que envolvam o corpo, pois, este é a ferramenta essencial para toda e qualquer aprendizagem.

Ao observar o planejamento de cada educadora, na maioria dos casos, não foi possível perceber esse entrelaçamento entre a teoria e a prática, com uma metodologia que valorize o corpo dos educandos. Uma das educadoras expõe que por mais que considere importante trabalhar o corpo dos educandos no espaço escolar ela afirma que é difícil porque querendo ou não os educadores possuem conteúdos para serem passados, mesmo que digam que não é prioridade, ao chegar no final do ano letivo, é preciso ter trabalhado o que era previsto. Porém, não é uma questão deixar os conteúdos de lado, mas sim a maneira como eles serão desenvolvidos com os educandos.

Os educadores precisam se libertar da ideia da cultura do corpo escolarizado e buscar por uma autonomia pedagógica, transformando a escola e a sociedade em uma grande sala de aula. Louro (2016, p. 21) explica que,

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.

Portanto, a aprendizagem dos conteúdos não era algo significativo para muitos educandos, apenas era imposto e decorado por medo das penalizações se não soubessem quando questionados.

A cultura de corpo escolarizado; totalmente disciplinados, nega aos educandos a essência de ser um ser, um ser que tem sentimentos, vontades, medos, que brinca, que sorri... É preciso considerar os educandos não como sujeitos que apenas precisam seguir regras, é preciso compreendê-los, proporcionar condições necessárias para que todos se desenvolvam dentro de suas especificidades, propiciando uma educação de corpo inteiro.

Vale ressaltar que cada ser é único, cada um possuindo o seu tempo e a sua maneira de aprender, a assimilação de conceitos não acontece da mesma maneira para todos, nem muito menos ao mesmo tempo (RELVAS, 2010). Assim, com o tempo os educandos provavelmente esqueciam do que aprendiam, pois era algo forçado e sem significado para eles. Dessa forma o corpo deixa de ser fragmentado e passa a fazer parte desse processo educacional interdisciplinar, onde o corpo é protagonista, sem haver o dualismo entre corpo e mente. (NETO et al, s.a.).

Algo marcante e que vem muito a contribuir, ocorreu na turma do 2º ano, em que os educandos realizaram uma atividade em grupo e a educadora era mediadora do conhecimento. Para a introdução de um novo tema, a educadora reorganizou a sala com a ajuda dos educandos e os dividiu em dois grupos. Em seguida, entregou para cada grupo fichas com letras, com as quais deveriam organizar duas palavras que dariam início a discussão. Quando terminaram de organizar as palavras formando “Alimentação saudável”, colaram em um cartaz e fizeram um acróstico com palavras relacionadas ao tema. Ao finalizarem o acróstico, puderam colorir os cartazes.

É incrível como os educandos conduzem a aula como mesmo enfatiza a educadora da turma, eles constroem a aula, não é preciso que o educador fique explicando continuamente para que os educandos apenas ouçam. É preciso tirá-los da zona de conforto como diz Santos (2013, p. 66) “[...] ‘desequilibrar’ as funções neurais dos alunos” e instigar os mesmos para reconstruí-las.

Outro aspecto observado em todas as turmas é a questão da organização de filas para se deslocarem a qualquer espaço. Percebe-se que os educandos ficam extremamente agitados

nos momentos de fazer fila, seja para ir ao lanche ou para se deslocar ao ginásio, a educadora precisa estar sempre chamando a atenção e pedindo ordem para que possam se dirigir até o local. Conforme Strazzacappa (2001), enquanto o movimento é sinônimo de prazer, a imobilidade é de desconforto. Privar o corpo do prazer e do movimento, são exemplos do domínio e controle exercido pelos educadores sobre os educandos.

Além das filas organizadas, a proibição de alguns alunos de poderem brincar ou correr livremente no horário do recreio também foram observados em determinados momentos. Por conta de atitudes cometidas em sala, ou na ida para o recreio alguns educandos foram obrigados a ficarem sentados pensando em seus atos, enquanto observam os demais colegas brincarem. Até que ponto isso faz com que os educandos reflitam sobre seus atos? É preciso elaborar outras estratégias para que os educandos reconheçam e aprendam com seus erros, retirar seus momentos livres só acaba amedrontando e reprimindo o corpo dos educandos ainda mais.

Na escola a disciplina geralmente está ligada com o silêncio e o não “movimento”. As crianças educadas eram e continuam sendo vistas em diversos lugares, como aqueles que não ficam conversando e se movimentando na sala de aula (STRAZZACAPPA, 2001). Na tentativa de manutenção da ordem muitas vezes os educadores reprimem os corpos dos seus educandos, conseqüentemente, podem reprimir a aprendizagem dos mesmos.

Em linhas gerais, o que mais se destacou ao observar as metodologias das educadoras titulares, é o quanto as mesmas ainda estão presas a alguns princípios de manutenção da disciplina por intermédio do autoritarismo. Sobre a disciplina imposta nas instituições escolares, Gonçalves (1994, p. 33) cita a ideia de que,

A rigorosa minúcia com que eram estipulados os regulamentos para o comportamento corporal dos alunos, para sua distribuição no espaço e para a divisão do tempo escolar, revela um poder disciplinar que objetivava controlar as erupções afetivas que poderiam surgir do corpo com seus movimentos espontâneos e suas forças heterogêneas. Com isso, os movimentos corporais tornavam-se dissociados das emoções momentâneas, perpetuando-se o controle e a manipulação.

Acredita-se que ao estarem em um ambiente cheio de regras, os educandos não desenvolveriam ações e sentimentos que pudessem de alguma forma interferir no trabalho do seu mestre. O autoritarismo imposto em outros tempos acabava amedrontando os educandos e frustrando os mesmos, pois as vezes, por situações espontâneas, os educandos eram levados, de maneira ríspida, a considerar que determinado ato não podia ser realizado. Percebe-se que no contexto observado, os educadores precisam sim ter pulso firme, entretanto, precisa manter um controle da sua autoridade perante os educandos.

É claro que não se pode confundir o fato de liberar os educandos e deixarem fazerem o que bem entenderem, mas sim, de saber explicar e demonstrar que determinadas situações não são permitidas a serem realizadas no espaço escolar. É fazer com que os educandos

compreendam suas liberdades, mas que saibam principalmente, respeitar a autoridade do educador diante todas as situações.

Ao olharmos para a escola, vislumbramos uma instituição social que está totalmente ligada à sociedade em que está inserida, aos seus costumes e valores. E por ser um ambiente de aprendizagens deveria buscar através de um olhar sensível para as especificidades de cada sujeito, transformando-o e aperfeiçoando-o em suas competências e habilidades, visando o crescimento pessoal e profissional. Mas será que a escola vem desempenhando devidamente seu papel?

Outro aspecto marcante percebido durante a pesquisa na escola, foi a questão de como os educandos tem seus movimentos limitados dentro da sala de aula e não veem a hora de chegar o recreio para poderem brincar e se divertirem livremente. Como pássaros em gaiolas, os educandos têm sua liberdade de movimentos reprimida no momento em que entram na sala de aula, sendo poucas as vezes que podem dialogar com os colegas ou até mesmo levantar de suas cadeiras. Munarim e Girardello (2012, p. 345) abordam que

É se movimentando que as crianças produzem sentido das situações observadas em seus cotidianos, experimentam diferentes formas de interpretar o que acontecem em seus mundos. [...] quanto mais diversas as experiências, o contato com a natureza, as histórias, os lugares e a diversidade dos brinquedos, mais as crianças exercitam a imaginação, criando e atribuindo sentidos à realidade da qual fazem parte. Que quanto mais sentido existir nas suas vidas, mais ricos de sentidos serão os seus movimentos.

As crianças precisam se movimentar, agir, dialogar e se expressar, é dessa forma que as mesmas constroem sua personalidade, se tornam sujeitos autônomos, ativos e criativos. O professor ao inibir o movimento que é condição natural de todo e qualquer ser humano, acaba o inibindo de pensar e agir instantaneamente.

Importante e necessário incentivar os educandos para que experimentem durante diferentes situações do que o seu corpo é capaz, deixar que explorem ambientes, corram, pulem, subam, dançam, saltem e caiam, tudo é aprendido, permitir que os educandos errem e aprendam com os seus próprios erros. E ao errarem, que enquanto educador não puna de maneira severa, seja apenas um mediador, é preciso deixar que eles construam suas aprendizagens e compreendam que todo ato gera uma consequência. Toda e qualquer aprendizagem acontece através do corpo (GARCIA, 2002). É papel do educador planejar e organizar situações para que os educandos em suas especificidades construam sua identidade, sua autonomia e se desenvolvam de maneira integral.

Conforme os educandos vão avançando na escolarização, os mesmos têm seus movimentos condicionados às regras que são exigidas pelo ambiente escolar, e até mesmo do professor na sala de aula, precisando assim permanecer sentados por horas. São raros os momentos que os educandos podem se movimentar pela sala ou possuam atividades que possibilitem a interação entre corpo, mente e movimento.

Os educadores não podem esquecer que a escola deve ser um ambiente no qual se proporcionam experiências enriquecedoras, na qual o corpo deve estar livre para brincar, inventar, criar e se expressar. E ao ser inibido, o educando pode se fechar, provocando dificuldades no seu crescimento pessoal, comportamento, sentimentos e desenvolvimento no ensino aprendizagem.

Entretanto, é visível na realidade observada, que por mais que os educandos estejam em um ambiente cheio de regras, estando condicionados a elas, o aumento do silêncio do corpo não obedece a uma evolução linear. O que indica que o planejamento e a metodologia utilizada por cada educador fazem toda a diferença na influência do silêncio do corpo na sala de aula o que sinaliza que pode ser uma questão que passa pela concepção do educador e não necessariamente por uma realidade imposta aos mesmos.

Considerações finais

Este trabalho teve como finalidade analisar e compreender a influência das metodologias utilizadas pelos educadores em sala de aula em relação ao silêncio do corpo dos educandos. Vale frisar que o mesmo, não teve como proposta apontar falhas, mas fazer com que os educadores reflitam a sobre o papel dos mesmos em contribuir para reforçar esse “silêncio” ou contribuir para que o educando possa se expressar. Entende-se que uma educação onde o corpo não pode se manifestar não cabe mais nos tempos atuais.

Pensando na ideia de que o ambiente escolar é um local onde devem ser vivenciadas as mais diversas experiências que auxiliem no desenvolvimento integral dos seus educandos, percebe-se a importância de um olhar para com o corpo dos mesmos. Precisamos entender que as crianças não devem ficar enclausurados numa sala de aula, fixas em suas carteiras enfileiradas, cabeças olhando cabeças como se as mãos e os pés estivessem amarrados. Estes corpos precisam ter possibilidade para se expressarem, criarem e dialogarem, onde a aprendizagem possa ocorrer de maneira significativa propiciando um desenvolvimento integral.

Como abordado anteriormente, é imprescindível que os educadores busquem métodos diferenciados que envolvam todo e qualquer componente curricular sem esquecer a corporeidade dos educandos. Vale frisar, que não são todos os educadores que não fornecem espaço para o corpo dos educandos. Muitos valorizam e compreendem a importância de se trabalhar de maneira transversal a corporeidade dos educandos articulando com os conteúdos propostos.

Outro aspecto que merece destaque é a possibilidade de perceber que o aumento do silêncio dos corpos não tem relação direta com a ano/série e sim pelo motivo de que, o que difere a maior ou menor ênfase no silêncio na sala de aula é a metodologia ou concepção adotada pelos educadores. São eles os responsáveis por organizar, planejar e articular as ações

para concretizar os processos de aprendizagem dos conteúdos ou conceitos e que perpassam pelos processos de ensino utilizados pelos mesmos.

Defendemos a ideia que o corpo não pode ser silenciado, justamente pelo fato de que toda e qualquer expressão, seja ela através da palavra, do gesto, do movimento, da expressão, representa uma forma de linguagem e de comunicação. O que muitos educadores realizam cotidianamente é manter os educandos de forma que permaneçam quietos em seus lugares, sob o argumento de manter a ordem e a disciplina, como se o movimento fosse sinônimo de desordem. A esse corpo silenciado podemos chamar de corpo escolarizado ou adestrado.

Ressaltamos que um ambiente de estudo deve ser adequado a cada situação e momento, tornando o silêncio verbal ou corporal necessário, visto que os educandos aprendem de maneiras diferentes e o silêncio muitas vezes é necessário para que alguns internalizem determinados conteúdos ou conceitos e cheguem a aprendizagem significativa. Contudo, disciplinar os movimentos e expressões podem acarretar em dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento da personalidade de cada um. Possibilitar espaço para que os mesmos se desenvolvam nas suas especificidades, auxilia para que possíveis dificuldades sejam amenizadas no transcorrer do desenvolvimento.

O que gostaríamos de deixar claro é que é preciso haver um equilíbrio no espaço escolar, onde os educadores saibam intermediar o silêncio e a corporeidade de cada educando. Possibilitar espaço para que os mesmos se desenvolvam nas suas especificidades auxilia para que danos não sejam causados às aprendizagens de cada um.

É com base nestas e outras inquietações que buscamos algumas respostas com o nosso estudo e esperamos que algumas questões pontuadas possam auxiliar para provocar a discussão sobre a temática e quiçá promover algumas quebras de paradigmas que ainda perduram.

Referências

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CAVAZZANI, André Luiz; CUNHA, Rogério Pereira da. *Ensino de história: itinerário histórico e orientações práticas*. Curitiba: InterSaber, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GARCIA, Regina Leite (org.). *O corpo que fala dentro e fora da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papyrus, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (ORG). *O desafio das diferenças nas escolas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MUNARIM, Iracema; GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. Crianças, mídias e cultura de movimento. (Des)caminhos para pensar o corpo na infância. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da. (Org.) *Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. *Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SOUZA NETO, Samuel de et. al. *O corpo: na escola, da escola, no processo de escolarização*. Caderno de atividades didático-pedagógica. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8929203-O-corpo-na-escola-da-escola-no-processo-de-escolarizacao-caderno-de-atividades-didatico-pedagogica.html>. Acesso em: out. 2018.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos Cedes*, ano XXI, n. 53, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n53/a05v2153.pdf>. Acesso em: out. 2018.

SURDI, Bernardete Madalena Milani. *Corporeidade e aprendizagem: o olhar do professor*. Ijuí: Unijuí, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 16. ed. São Paulo: Libertad, 2005.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *O corpo que fala dentro e fora da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.